



ISSN 1981 - 3031

O QUE SABEM AS CRIANÇAS QUE NÃO SABEM: O DIAGNÓSTICO DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA

Lauro Lopes Pereira Neto (UNEAL)

lauro.70@gmail.com

Camila Amorim da Silva Rocha (UNEAL)

Camila.pedago@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo sistematizar uma discussão acerca das Dificuldades de Aprendizagens de crianças na aquisição da leitura e escrita. Para se alfabetizar é preciso que a criança pense, reflita, raciocine, estabeleça relações, faça deduções, erre para poder acertar. Os erros cometidos pela criança na construção do conhecimento da escrita alfabética são erros construtivos. Quando esta é desafiada na leitura de um texto ela tem a oportunidade de confrontar suas hipóteses sobre: o falado e o escrito; a forma de organização dos registros gráficos; o que esses representam e para que servem. Levando-a a construir a idéia de que toda escrita tem um propósito, ser decodificada, analisada e assimilada. Este trabalho objetiva discutir e analisar as principais dificuldades apresentadas por crianças no processo de aquisição da leitura e escrita. Investigando a prática pedagógica de educadores e suas relações com o processo de ensino-aprendizagem. Deve-se, cada vez mais, compreender o papel da escola e levá-la a repensar o seu papel de formadora, fazendo com que a práxis dos educadores esteja direcionada a uma educação reflexiva para a construção da autonomia e identidade da criança.

Palavras-chave: Dificuldades de Aprendizagens, Escola, Diagnóstico

Os estudos e investigações realizados sobre as Dificuldades de Aprendizagens (DA) são importantes para que se possa ter uma compreensão das suas causas e

consequências com o objetivo de ajudar os pais e professores a identificar e ajudar a criança com DA e garantir-lhes condições para atingir o pleno desenvolvimento intelectual.

Muitos profissionais expressam pareceres a respeito de um alto número de crianças com dificuldades de aprendizagem, mas não estimulam pesquisas sobre a identificação de métodos funcionais para reduzir o número de crianças que fracassam por falta de estímulo ou por não receberem assistência adequada, uma vez que, trabalhar de forma construtiva com crianças com DA requer muita responsabilidade.

Investigar e intervir são variáveis para incentivar a criança afetada. No entanto, não basta apenas conhecer ou ter domínio de um método, é necessário conhecer a criança em seus aspectos pessoal e social, pois o estímulo pedagógico adequado gera uma facilitação da aprendizagem e a observação da criança dará ao Pedagogo o conhecimento das afinidades e das dificuldades da mesma.

É neste sentido que buscamos compreender o comportamento e a forma de pensar das crianças com DA considerando proposições neurológicas, comportamentais e afetivas vinculadas ao processo de construção da leitura e escrita pela criança com dificuldade de aprendizagem. O estudo desenvolveu-se mediante pesquisa bibliográfica com o intuito de conhecer e analisar o referido assunto, organizando concomitantemente os dados obtidos.

Um ponto que costuma entrar o desenvolvimento das crianças com dificuldades de aprendizagem são os diagnósticos errôneos e precipitados, onde na maioria das vezes essas crianças são rotuladas de preguiçosas e indisciplinadas por, em certas situações, apresentarem mal comportamento que, geralmente, advém da frustração de não conseguirem acompanhar, no mesmo ritmo do que seus colegas de classe, os conteúdos dados.

Posto isto, cabe ressaltar a necessidade do desvelamento das dificuldades de aprendizagem e da busca por meios adequados para o suporte que a criança acometida requer.

A CRIANÇA COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

A linguagem é fundamental para o sucesso escolar, pois leitura e escrita estão sobremaneira presentes nas disciplinas escolares. Visto que a aprendizagem se dá através de condições adequadas de desenvolvimento, seja social ou escolar com oportunidades educacionais e culturais vivenciadas em processo de desenvolvimento estável.

Assim, a criança com Dificuldade de Aprendizagem (DA) precisa de uma atenção especializada que busque novas alternativas a fim de entender que uma criança com DA é apenas uma criança que necessita de um apoio especializado e não um ser incapaz de viabilizar um aprendizado, proporcionando a participação e realização de todas as atividades.

De acordo com Hout (2001) Apud Massi (2007:40), a World Federation of Neurology, na Europa, definiu a dislexia como “um transtorno da aprendizagem da língua escrita que ocorre apesar de uma inteligência normal, da ausência de problemas sensoriais ou neurológicos, de instrução escolar considerada adequada e de oportunidades socioculturais suficientes”.

Atenção especial deve ser dada para evitar ações excludentes ou preconceituosas. É neste sentido que o professor precisa conhecer, não só o seu aluno, mas está informado sobre a dificuldade apresentada pelo mesmo, sabendo identificar suas necessidades educacionais especiais.

Visto que, se uma criança passa por uma situação constrangedora em relação as suas capacidades intelectuais, isso pode ficar marcado como um trauma ou uma lembrança negativa para o resto da vida e é difícil apagar ou mesmo desviar a lembrança daquele incidente, pois “ao sentir-se ameaçado, o indivíduo acelera o metabolismo, antecipando a necessidade iminente de fugir ou de se defender”. (RELVAS, 2007, p. 48) fazendo com que elas travem e não consigam produzir, gerando um sentimento de frustração e envergonhamento perante a situação de não conseguirem acompanhar os conteúdos nas aulas como as crianças “normais”, em virtude disto muitas vezes se negam a escrever sentindo-se incapazes e/ou constrangidos por não conseguirem fazer igual aos colegas de classe.

O meio familiar deve ser participante e ativo, não deixando toda a responsabilidade sobre a escola, pois apesar de a escola ser sim o lugar onde os sintomas eclodem, diagnósticos são apresentados e formas de tratamento são elaboradas, ela precisa da participação familiar.

CONDEMARIN, (2006: 84) ao considerar o rendimento escolar associada-o à vida pessoal enfatizando o enorme impacto na vida emocional da criança e da sua família, que o êxito ou o fracasso nessa área determina, modificando não apenas o bem estar psicossocial da criança durante sua infância e adolescência, mas tem efeitos na sua imagem pessoal, que, por sua vez, repercute significativamente na sua vida.

Isto nos faz perceber que toda criança precisa de apoio e, principalmente numa criança com alguma necessidade educacional especial, torna-se imprescindível, haja vista que o número de crianças com dificuldade de aprendizagem cresce expressivamente.

Promover as capacidades de aprendizagem dessas crianças está atrelado a reduzir o número dos que fracassam, dos que evadem, e para isso precisamos trabalhar de forma construtiva para que se produzam modelos ou métodos que visem incentivar e enriquecer as intervenções com estímulos adequadas baseados em que “Nenhuma dificuldade de aprendizagem é unitária, exclusiva, conclusiva ou imutável. Cabe a educação a busca de alguns esclarecimentos sobre o problema. Até surgir uma solução curativa definitiva, a educação é sempre uma terapia irrecusável e possível”.(FONSECA, 1995, p. 150)

A escola que não intervém nem oferece serviços especializado obriga a criança a pagar um alto preço pelo seu descaso (da escola), então o trabalho de analisar e avaliar não foge as responsabilidades dos pais e deve ser um trabalho minucioso para que se opte por uma escola melhor, segundo Shaywitz, (2006, p. 224) a sociedade tende a ver as pessoas com deficiências não só como indivíduos inferiorizados, em geral confundindo uma deficiência de aprendizagem com retardo mental.

Educação que abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.(BRASIL, 1996).

Um apoio pedagógico aos alunos com dificuldade deve ser planejado desde o início do ano letivo, tendo como meta garantir a aprendizagem, o progresso cognitivo e, conseqüentemente, a alfabetização. É imprescindível que se analise, verifique e busque atender as diferentes necessidades de aprendizagem desses alunos, respeitando as suas diversidades e possibilitando o atendimento as suas especificidades, fazendo as adaptações possíveis para que diante da heterogeneidade destes, realize-se um trabalho de intervenção com um foco no avanço educacional e no bom aproveitamento dos conteúdos.

Como desenvolver um trabalho adequado com crianças que apresentem os distúrbios de aprendizagem?

Levar para o aluno uma intervenção pedagógica adequada é desafiador, porém possível. O trabalho deve ser contextualizado, trabalhar a cooperação entre os alunos

com propostas pertinentes, textos apropriados e objetivos definidos. Para tanto, planejar é crucial. A partir do planejamento é que se define e se elaboram todas as atividades, mediante a necessidade do educando e dos resultados pretendidos.

Conforme afirma Relvas (2007) diversas dificuldades de aprendizagens poderão ser resolvidas ou amenizadas quando os educadores compreenderem os processos e os princípios das estruturas do cérebro, conhecendo e identificando cada área funcional, visando estabelecer rotas alternativas para aquisição da aprendizagem.

Posto isso, não significa dizer que o professor precise entender todo o funcionamento cerebral do educando, mas que pesquise e conheça as noções das funções básicas que possam auxiliá-lo em situações de uma complexidade além das que está habituado.

A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA

Numa sociedade totalmente visual a criança sente necessidade de aprender a ler e usar as letras, pois precisa dar significado ao mundo que a rodeia. Assim a escola precisa se tornar um ambiente alfabetizador acessível à criança para que ela possa interagir com esse mundo letrado.

(...) se levamos em conta que, para crianças (...) os nomes são considerados como propriedades dos objetos (cf. Vigotsky, 1973), pode-se sustentar, então, que a escrita aparece como uma maneira particular de representar certas propriedades dos objetos (seus nomes). Visto que os nomes não são analisados enquanto palavras, mas enquanto propriedades dos objetos, o conceber a escrita como uma representação de nomes (de objetos) não exclui que outras propriedades desses mesmos objetos também apareçam na representação. (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999, p. 146).

Alguns pais se surpreendem, pois seus filhos nos primeiros anos de vida compreendem quase tudo que os rodeia, porém quando vão para a escola tem que se esforçar muito para aprender as letras, seus significados e seus sons. Como explicar que crianças que interagem bem com o mundo que a rodeia, não conseguem interagir com as letras?

Se pudermos analisar iremos perceber que grande parte das crianças, no início da escolarização, tem algum problema de leitura, ou não lêem de acordo com a sua idade, série ou capacidade. Seria isso um problema da criança ou da escola?

Para se alfabetizar é preciso que a criança pense, reflita, raciocine, erre para poder acertar, estabeleça relações, faça deduções ainda que nem sempre corretas. Que

erros como pensar que se escreve uma letra para cada sílaba são erros construtivos, isto é, erros necessários à construção do conhecimento da escrita alfabética.

Para poder identificar o porquê do erro do aluno, para que se saiba também a maneira certa de corrigi-lo, precisa-se, antes de mais nada, saber o que se passa com esse aluno quando age de forma estranha.

Segundo NUNES (2001) existem sete erros mais recorrentes na escrita das crianças que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, são eles:

1. Erros de transcrição da fala;
2. Erros por supercorreção;
3. Ausência da marcação de nasalização;
4. Erros por não considerar regras contextuais;
5. Erros ligados à origem da palavra;
6. Erros nas sílabas complexas;
7. Erros por troca de letras.

A DISLEXIA EM CRIANÇAS COM DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA

A aquisição da leitura e da escrita pela criança é um processo complexo e no qual várias inquietações perpassam pela sua mente tais como: para que escrever? Como escrever? Todas as palavras escritas são iguais? O que as diferencia?

O que necessitamos mostrar para a criança com dificuldade de aprendizagem é que leitura e escrita devem ter um significado em sua vida cotidiana e que não é apenas um amontoado de palavras soltas e estanques, que escrevemos para alguém ler e para tanto é preciso ter significado para que o leitor possa entender e se apropriar daquilo que está escrito.

Diante disto, cada indivíduo coloca suas impressões na linguagem, principalmente na escrita havendo uma interação entre a pessoa que escreve e a palavra escrita, passando a demonstrar com sua escrita como compreende o mundo. – “(...) atitudes singulares durante o processo de apropriação da escrita manifestam o modo particular com que cada aluno-sujeito se relaciona com essa modalidade de linguagem, refletindo e atuando sobre ela.” (MASSI, 2007, p. 62)

Quando se quer dizer uma palavra busca-se as letras, ordena-as para poder então expressá-la. O indivíduo disléxico não consegue tal façanha, por não ter o reconhecimento claro das letras. O seu sistema fonológico não processa os elementos sonoros de maneira satisfatória e faz “arranjos” utilizando para montar a palavra uma

letra que tenha o som semelhante à letra que deveria ser utilizada, daí surgem às trocas, o que não significa uma falta de compreensão da palavra dita ou escrita.

O que acontece na leitura é que a decodificação não acontece naturalmente como na fala, e o que se observa nas crianças disléxicas é uma espécie de bloqueio no momento da conversão dos códigos alfabéticos em códigos lingüísticos.

O processo de leitura consiste em dois grandes componentes: a decodificação, que resulta no reconhecimento imediato das palavras, e a compreensão, que, é claro, está relacionada ao significado.(SHAYWITZ, 2006, p. 51)

É imperativo pensar e analisar como funciona o sistema alfabético de escrita, por isso a importância de entender que há “erros e erros” e que não podemos interpretar toda ausência ou excesso de letras como um distúrbio de aprendizagem. “A memorização imediata e o acesso rápido às palavras são especialmente difíceis para os disléxicos”.(SHAYWITZ, 2006, p. 54).

A leitura depende do bom funcionamento cerebral, das suas conexões, se houver algum dano nos circuitos cerebrais à linguagem não se dará de maneira otimizada. No entanto, ainda é difícil pontuar as causas dos problemas de aprendizagem por conta da intrigante complexidade da formação cerebral.

O DIAGNÓSTICO PRECOCE DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA LEITURA

O histórico familiar é um dos fatores contribuintes para o desenvolvimento intelectual da criança, visto que crianças de classes sociais menos favorecidas, não estimuladas em relação aos hábitos de leitura e acompanhadas por um vocabulário restrito, são propensas a serem logo rotuladas como crianças problema, ou mesmo diagnosticadas como disléxicas. Teremos de distinguir a criança com dificuldade de aprendizagem da criança que experimenta problemas de aprendizagem por razões de desvantagem cultural, de envolvimento sócio-econômico pobre, de inadequada integração pedagógica.(FONSECA, 1995)

A pessoa com dislexia pode ser um profissional de méritos valorosos desde que sua dificuldade seja identificada e tratada o quanto antes. A falta ou o atraso no tratamento vai atrapalhá-lo não só em sua vida profissional, mas também na pessoal, visto que o tempo perdido e sofrido pelos fracassos não voltará para ser mais bem aproveitado.

Mas, como ensinar de forma efetiva? Como fazer a criança entender o que está sendo ensinado? Uma possibilidade seria, por exemplo, utilizar nas aulas objetos

concretos, para que a criança possa não apenas vê escrito no quadro, mas tocar, distinguir, analisar e por fim assimilar.

Exemplo: A maçã é gostosa.

Apenas escrito no quadro para uma criança com DA pode não ter significado algum, por ela não conseguir fazer a relação letra/nome/fruta, em contrapartida vendo e tocando a fruta poderia tornar-se bem mais fácil.

Antes de assimilar o sistema de escrita alfabética a criança cria como se fosse um sistema próprio de escrita, em que muitas vezes não estabelece diferenças entre a palavra escrita e a falada, na posição e no lugar ocupado pelas letras. Isso acontece por que a criança não sabe ainda o que é que as letras representam, sabem que precisam delas para escrever, mas não associam ao seu som e significado.

Insistimos em ensinar aos nossos alunos que cada letra é para um som, porém o que iremos dizer a elas quando o “s” for apresentado em “sapo”, e em “basear”, e em “associação”, ou ainda em “espumante”, em fim, em seus diversos usos. Isso acaba por confundir a cabeça da criança nas suas articulações fonológicas, aprendendo que cada letra tem um nome e é associada a um som.

A falha ao ensinar dessa maneira pode levar a criança a um atraso na aquisição da leitura, o ideal é ajudá-la a se familiarizar com o nome das letras, mas sem a interligação com um som único, tendo que aprender como se dá o funcionamento do código alfabético.

Como a criança percebe a leitura?

Isso pode ser verificado segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001:61) através do processo de Leitura diária:

É necessário refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades da leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler buscando identificar a intenção do escritor, ler para revisar (...) Esse é um procedimento especializado que precisa ser ensinado em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos. (BRASIL, 2001)

Por meio desta, percebe-se qual o nível de leitura da criança e sua evolução. Com o auxílio dessa proposta é recomendado que se realize de tempos em tempos uma avaliação diagnóstica para se verificar o andamento das atividades. Para os educandos cada atividade proposta é um desafio, que deve ser possível, deve ter metas claras para as crianças, destacando os objetivos que se esperam deles, tendo o cuidado para não se

estabelecer estigmas preconceituosos nem pensamentos inferiores de que os outros colegas são mais inteligentes que ele, pois eles sabem muito mais do que acreditam saber e precisam tomar consciência disto.

Para ler eficazmente, a criança precisa prestar atenção a todas as letras de uma palavra, a fim de conectá-las aos sons que ouve quando esta é pronunciada e, assim, decodificá-la. De outra maneira, ela confundirá palavras que tenham as mesmas consoantes no início e no final, mas vogais diferentes no interior. (SHAYWITZ, 2006, p. 89)

A influência da leitura se dá desde as primeiras séries mesmo quando as crianças não sabem lê mais ficam como ouvintes, elas já guardam palavras novas e vão gradativamente aumentando seu vocabulário. E quanto maior o número de livros lidos melhor será o resultado na ampliação do vocabulário.

Já nos leitores disléxicos essa aquisição de palavras novas se dá num processo bem mais lento pela dificuldade de relacionar as letras aos seus sons e a formação da palavra, o que os leva a recorrer ao contexto para então entender determinadas palavras.

No entanto este artifício muitas vezes atrapalha, pois tanto ele não decodifica a palavra e, portanto não a guarda para si podendo-a buscar em outros momentos de leitura, como também complica com palavras que por uma letra possam ter seu significado alterado. Ex.: concerto / conserto.

O que gera também outro grande desafio para os disléxicos é a escrita, pois como sua leitura é debilitada, o que leva a uma não assimilação das palavras na hora de escrever, então eles não tem a imagem constituída da palavra.

(...) nos leitores hábeis a rapidez do sistema de identificação visual forma de palavras reconhece automaticamente uma palavra: a palavra é lida com rapidez e sem esforço. Para o leitor disléxico, um sistema disruptivo impede a leitura automática. Em vez disso, ele depende de caminhos secundários, localizados na parte frontal e a direita do cérebro.”(SHAYWITZ, 2006, p. 127)”.

Alfabetizar uma criança requer uma atenção e uma dedicação extrema, pois mostrar a elas as letras, ensinar como elas se relacionam a seus sons, e mais complicado ainda, que sons diferentes podem se relacionar a mesma letra, sílabas complexas são difíceis, mas muito úteis na formação de nossas palavras, combinar letras para montar uma palavra que a criança tem que decodificar e entender.

E aí segue-se os juntamentos simples de duas ou três letras aos mais complexos, percebendo que o som de uma letra em uma palavra depende da letra subsequente, para

assim a criança ir acumulando ao seu vocabulário e que possa utilizar com fluência e rapidez quando precisar.

E quando ela consegue utilizar é empolgante, pois ela compreende o significado da palavra mesmo fora do contexto concretizando-se o aprendizado. Para tanto Zorzi, Capellini (2009) vem propor um programa de intervenção estabelecendo objetivos a serem atingidos a curto, médio e longo prazo. Voltado para o desenvolvimento progressivo de competências. Um dos pontos centrais do programa está ligado a aspectos emocionais/comportamentais (mudança de atitudes e melhoria da auto-estima), ou seja, como levar crianças que vêem a linguagem escrita como um elemento desequilibrador e angustiante, tanto do ponto de vista cognitivo quanto afetivo, a envolverem-se com ela e acreditarem que podem aprender.

O leitor comum é, ele próprio, seu melhor professor. Ele automaticamente compara cada palavra que lê com seu modelo neural armazenado. Se houver uma correspondência perfeita, rapidamente identifica a palavra. Se seu modelo não for a replica exata, ele o corrige e, depois de algumas leituras, encontra o encaixe perfeito. A palavra, então, se torna parte de seu léxico, dicionário interno de palavras que lê a primeira vista. Um leitor disléxico, contudo, lê muito pouco, o que o leva a modelos neurais falhos, imprecisos ou incompletos das palavras. Os 'buracos' nunca são preenchidos, e o disléxico nunca chega ao numero de leituras que é necessário para ler a palavra corretamente a fim de desenvolver uma representação estável e precisa. Como resultado, o léxico interno do leitor disléxico é muito escasso. (SHAYWITZ, 2006, p. 200)

Deve-se estimular a cooperação entre os alunos de tal modo que eles possam socializar as informações que já tem, confrontar e por a prova suas diferentes estratégias de leitura. Um bom exemplo de atividade é cantar com eles uma música conhecida e afeiçoada por todos, realizando o acompanhamento da letra impressa no papel para que eles percebam as correspondências existentes entre o dito e o escrito.

O que possivelmente pode ocorrer na alfabetização de crianças, é que utilizando métodos de memorização de palavras, com ditados ou cópias de frases que não fazem o menor sentido para os alunos, como, por exemplo: A casa é azul.

Isso apenas faz com que memorizem um código e não que se apropriem da língua escrita. Dá assim um enfoque na produção escrita e não no conteúdo que deveria ser funcional no dia-a-dia das crianças que recebem estímulos dentro e fora da escola.

Quando a criança é desafiada na leitura de um texto que tenha sentido e significado ela tem a oportunidade de confrontar hipóteses sobre o falado e o escrito, sobre a forma de organização seja da letra, da sílaba ou das palavras no texto, o que elas representam e para que servem.

É importante que a criança tenha consciência do seu problema, e de que seus pais o apoiem e que ele não vai ser motivo de decepções. Estar ciente disto preserva sua autoestima. O apoio dos pais e dos professores vai fazer com que a passagem desta criança pela escola seja uma experiência positiva e não uma situação na qual criam-se expectativas que possam se tornar frustrações desastrosas.

Uma proposta de intervenção pedagógica para crianças DA visa à busca da autonomia do aluno como sujeito da própria aprendizagem, com a elaboração e construção de atividades voltadas à implementação de um trabalho que propicie a superação das necessidades de ensino e a aquisição de conhecimento por parte do educando buscando a associação entre os objetivos de ensino e os objetivos de aprendizagem dos alunos.

Com isso observa-se em nossa sociedade o desenvolvimento da consciência de que a educação hoje merece estar no centro das atenções, visto que numa sociedade globalizada ela tem valor estratégico para o desenvolvimento da humanidade.

CONCLUSÃO

A partir da leitura de diversos conceitos, definições e reflexões, durante a elaboração deste artigo destacamos que educação não significa apenas acesso à escola, mas absorção e produção de conhecimento, desenvolvimento e aprendizagem.

Para ajudar nossos alunos é preciso conhecer e entender o que são essas Dificuldades de Aprendizagem, pois apesar das salas de aula superlotadas e apesar da falta de recursos para pesquisas, às dificuldades de aprendizagem precisam ser analisadas, conhecidas e investigadas, para então serem diagnosticadas e tratadas, com subsídios adequados e profissionais especializados.

Logo, percebemos a importância e o cuidado com o diagnóstico, para que não se mascare ou se confunda com infortúnios vivenciados pela criança, concretizando-se assim, um diagnóstico preciso que leve a intervenções adequadas e não a frustrações e perda de tempo no desenvolvimento educacional da mesma.

Pode-se afirmar então que a dislexia é um dos grandes assuntos da educação mundial, o que faz crescer a idéia de modismo e o perigo de diagnósticos precipitados se tornando um caminho mais fácil para se encontrar um culpado do não aprendizado.

Muito se descreve ou investiga sobre as dificuldades de aprendizagem e o insucesso escolar, mas pouco ou quase nada se faz para modificar as condições do processo de ensino aprendizagem das crianças, tornando-se uma investigação apenas conceitual, o que não nos propicia o real entendimento de como alfabetizar tais educandos, que possuem um desenvolvimento intelectual normal e têm sim capacidade de concretizar o aprendizado, desde que tenha um acompanhamento e uma intervenção adequados.

Assim, apontamos a necessidade de haver programas de ensino baseados em pesquisas, a fim de se obter mais sucesso no processo de ensino/aprendizagem, adaptando práticas pedagógicas, estimulando cada vez mais o interesse do educando para que o aprendizado não se perca no curso do tempo.

Vale ressaltar a inerente contribuição que este trabalho oferece à educação, educadores e profissionais ligados à área, no sentido de reverter o quadro de diagnósticos e intervenções inadequadas, visando alcançar uma das metas mais relevantes do ensino, o acesso da criança a construção da aprendizagem com a discussão e análise das certezas e também das incertezas para o máximo de aproveitamento de todas as idéias com uma ação educativa edificada.

Ainda assim, cabe ao educador a busca constante pelo conhecimento e a necessidade de refletir sobre: diferentes maneiras de ensinar a mesma coisa, expor conteúdos com clareza, desenvolver atividades lúdicas e criativas e principalmente propor avaliações diversificadas, para que propicie ao seu aluno a oportunidade de ter à disposição um professor qualificado capaz de oferecer-lhes grandes benefícios por proporcionar uma aprendizagem mais justa e que desenvolva todo seu potencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

____BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação. Brasília: MEC/SEF, 1996.

____BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental.-3º ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

CONDEMARÍN, Mabel. **Transtorno do Déficit de Atenção:** estratégias para o diagnóstico e a intervenção psico-educativa (Tradução: Magda Lopes). São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONSECA, Vitor da. **Introdução as Dificuldades de Aprendizagem.** 2º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MASSI, GISELE. **A Dislexia em Questão.** São Paulo: Plexus Editora, 2007.

NUNES, Terezinha. Leitura e Escrita: processos e desenvolvimento. In: ALENCAR, Eunice Soriano de (Org). **Novas Contribuições da Psicologia aos Processos de Ensino e Aprendizagem.** 4º ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociências e Transtornos de Aprendizagem:** as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a Dislexia:** um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura (Tradução Vinicius Figueira). Porto Alegre: Artmed, 2006.

ZORZI, Jaime Luiz; CAPELLINI, Simone Aparecida (Org). **Dislexia e outros Distúrbios da Leitura-Escrita:** letras desafiando a aprendizagem. 2º ed. São José dos Campos: Pulsos, 2009.